

VISÃO DO CORREIO

Para evitar a
faltar energia

As chuvas deste verão, embora voltem a causar estragos e tragédias nas regiões castigadas por temporais, com grandes volumes concentrados em período curto de tempo, estão, como efeito colateral, aliviando o risco de que o país venha a conviver com apagões elétricos neste ano. Embora essa circunstância certamente não compense as perdas de vidas humanas, a recuperação de reservatórios já permitiu ao governo aliviar a tarifa de escassez hídrica para os consumidores da camada mais pobre da sociedade, beneficiados por programas federais de transferência de renda.

Mas a conjuntura no sistema de geração ainda não é suficiente para dar tranquilidade com relação à travessia do próximo período seco. A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) já havia definido que os R\$ 14,20 cobrados a cada 100 quilowatts/hora vigoram nas contas até abril, quando chega ao fim o período chuvoso nas regiões Sudeste/Centro-Oeste, onde estão as usinas que respondem por 70% da produção hidrelétrica do país.

A partir de abril, o que se imagina é que a Aneel adote a tarifa vermelha, que, na segunda faixa, cobra R\$ 9,49 a cada 100 quilowatts/hora, para permitir que o rombo das distribuidoras seja amortizado pelos consumidores. É uma opção, mas é o maior indicativo da falta de planejamento do governo, quando deixou que os reservatórios das hidrelétricas chegassem ao ponto que exigiu a imposição de custos aos consumidores.

E não é apenas nas contas que a população é punida. Há um grande contingente de pessoas vivendo hoje às margens dos lagos que se formaram nas grandes represas construídas há décadas e cujas fontes de renda secam com o esvaziamento dos reservatórios. Há, ainda, atividades produtivas, como a navegação e a piscicultura.

Por outro lado, o risco de adotar medidas eleitorais para redução na conta de energia na atual conjuntura é comprometer a busca de equilíbrio nas hidrelétricas. É prudente e necessário que

o governo encontre formas de equilibrar o custo da geração. Seja com mais incentivo a fontes como o sol, os ventos e a queima de sobras de indústrias e gás natural, que representam custo muito menor em relação às usinas térmicas a óleo diesel; seja com a administração das tarifas por um período suficiente para que as represas cheguem a um nível que não comprometa a operação na estiagem. A pressa ou interesse político em baixar o custo será proporcional à elevação do risco de problemas mais à frente.

E aqui não há uma defesa da energia cara, que aperta o orçamento das famílias e sufoca as empresas, mas sim de que o governo planeje a recuperação dos lagos das usinas, que, mais do estoque de energia, são fonte de renda para cidades que margeiam as represas das hidrelétricas. Com o período chuvoso deste ano, os reservatórios do Sudeste/Centro-Oeste estão com 41,71% da capacidade de armazenamento, quase o dobro do patamar de 23,24% de janeiro de 2021. Mas ainda há disparidades, e o que se espera é que todo o sistema chegue ao fim de março com mais de 50% do volume útil. Hoje, Furnas está com 55,8%, mas Ilha Solteira está em colapso.

O baixo crescimento econômico esperado para este ano deve ajudar no processo de recuperação dos reservatórios, assim como a entrada em operação de novas usinas, subestações e linhas de transmissão que permitam otimizar a operação e estocar água sem onerar consumidores. É preciso planejar o funcionamento das hidrelétricas e avançar no processo de diversificação de fontes de geração, principalmente a solar e a eólica, que tem maior produção firme de energia exatamente no período seco, quando os reservatórios de água das usinas sofrem com a vazão maior e a evaporação. Hoje, as hidrelétricas respondem por 56% da geração, as térmicas por 25% e as eólicas, por 11%. Com essa estrutura e mais anos de estiagem prolongada, o Brasil enfrentará mais riscos de desabastecimento.



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigocraveiro.df@dabr.com.br

Ausência da presença

Saudade é faca que tange o coração e faz rio revoltado na alma. Saudade é a ausência da presença, o sorriso que se apaga, a mão que não mais afaga, o olhar que se perde. Saudade é o estar vazio, o pôr-do-sol em preto e branco, a cadeira desocupada, esquecida, no canto da mesa. O copo vazio de cerveja. O guarda-roupas cheio de alguém que partiu. Saudade é o perfume que ficou no ar, a carícia furtiva roubada pelo imprevisto. Saudade é tristeza, é dor, é sede de amor a olhos vistos. Escrevo esse artigo na noite de domingo. Desde o início da pandemia, 626.854 brasileiros desapareceram, viraram saudade. Muitos deles faleceram, sozinhos, no ambiente frio de uma UTI, sem que pudessem se despedir de familiares. São avós, pais, irmãos, filhos. Arrancados de seus lares pela covid-19, mas também pelo vírus da inoperância do Estado, pela defesa da estapafúrdia tese da imunidade de rebanho, pela ideologia negacionista que atrasou a compra de vacinas, pelas fake news que escorrem pelas redes sociais como lama tóxica, pelos antivacina que um dia se arrependem no leito de morte.

O peso da saudade é brutal. Quantas famílias lamentam, hoje, as bodas de ouro que não mais virão, a lua-de-mel que ficou pelo caminho, o beijo na filha de 15 anos que jamais será dado, a ternura de avó que o neto não mais terá o privilégio de sentir, a caminhada até o altar que não mais será feita... Quantos sorrisos ficaram relegados ao porta-retrato... Quantos planos desapareceram

como poeira ao vento... Em quantos lares, a angústia causada pela porta, que não será aberta pelo pai, que nunca voltará para casa... A tristeza da criança sem aquele abraço que conforta e acalma. O soluço da viúva, sozinha, enquanto o barulho lá fora transmite falsa ideia de continuidade.

O poeta inglês John Dryden (1631-1700) definiu com precisão o gosto amargo da saudade. “O amor calcula as horas por meses, e os dias por anos; e cada pequena ausência é uma eternidade”, escreveu. O que dizer então da eterna ausência? O que dizer da morte quando, na teoria, era evitável? Tivessem as vacinas chegado bem antes. Tivessem os suprimentos de oxigênio abastecido os hospitais de Manaus. Tivessem tantos brasileiros descartado tratamentos inócuos, como a hidroxilcloroquina ou ivermectina. Tivessem escolhido melhor seu representante. Tivessem apostado todas as fichas na ciência. Tivessem se informado mais por jornais e revistas, menos pelo WhatsApp.

Com o tempo, o rio revoltado na alma pode se fundir ao mar. Um dia, a saudade se acalenta com a gratidão pela possibilidade de ter convivido e amado. E aquela dor lancinante se transforma, de alguma forma. Mas, vai e volta. Acompanha-nos. E segue todos aqueles que um dia choraram seus mortos na pandemia. Minha empatia e minha homenagem a centenas de milhares de mortos pela covid-19. Não é, nem nunca foi, uma “gripezinha”.

A CONTA



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Maracutaia

Permitam-me manifestar os meus pêsames à cobertura que vocês, do **Correio Braziliense**, fizeram relativamente às maracutaia do juiz parcial e criminoso Sérgio Moro neste dia 20/10/2022, por divulgar Cartas ao Redator de leitores, como Flávia Maria Lucena Pereira, e não dar espaço a eventual contraponto de leitores que, certamente, apontam para os malfeitos do Moro. Essa cidadã diz que “Moro abriu suas contas com a maior transparência” e que ele estaria “enfrentando um bando de corruptos que o xingam etc., com fake-news”. Quem e quais fakes ela não diz. No final, defende que um corrupto como Moro seja o presidente que irá ‘salvar’ o Brasil. A mesma coisa relativamente ao José Alves, que insinua — e mente — que Lula não foi inocentado; ele apenas teria conseguido a prescrição do processo. Ora, o caso está enterrado, inclusive pelo fato de que, pela idade de Lula, não tem como abri-lo novamente! Além disso, os atos do senhor Moro foram todos anulados pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por absoluta falta de provas contra Lula. Mas o José Alves afirma, de forma leviana e irresponsável, que no processo havia “provas até demais” contra o ex-presidente e acha que o mesmo voltará a ser reaberto. Lamentável!

» **Emerson Leal**,
Lago Norte

Transparência

O que vem sendo chamado de “era digital” tem um sinônimo incontornável: “era da informação”. Em nenhum outro momento da história humana foi possível saber com tanta facilidade, pela tela do celular, por exemplo, o que está ocorrendo em qualquer ponto do planeta. Ao contrário do que se poderia supor, o fenômeno, creditado, com razão, à internet, não traz apenas benefícios aos meios de comunicação, na verdade, impôs a eles desafios monumentais. O maior é que continuem imprescindíveis para o seu público, diante da avalanche de notícias postas em circulação por um sem número de agentes e de interesses, às vezes, inconscientes, dissecor a explosão das fake news. Para enfrentar esse novo cenário, o **Correio Braziliense** se vale daquilo que o transformou em um dos jornais mais influente do país: o jornalismo com qualidade e transparente nas diversas plataformas que levam sua marca. Reflexão a respeito dos fatos e revelações de interesse público sobre os poderes que movimentam a sociedade (os furos, no jargão

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Nesta próxima eleição, teremos a disputa entre Lula, um estadista, e Bolsonaro, um “estadistante”.

Vital Ramos de V. Júnior
— Jardim Botânico

Relatório sobre festas na residência do primeiro-ministro britânico indica falhas de conduta e álcool em excesso. Boris em transe.

José Matias-Pereira — Lago Sul

Dizem que o Brasil vive em democracia, mas o voto continua obrigatório! Será por quê? Alguns tentam, pôr a culpa na Constituição, só que o eleitor não a redigiu nem aprovou.

Benedito Pereira da Costa — Asa Norte

Quem mora em Ceilândia o quanto tem sido eficiente a operação tapa-buracos nas vias da cidade... para as oficinas mecânicas

Ewerton Silva — Ceilândia

líticos, militares e desembargadores desfrutando de seus polpudos vencimentos de marajás tupiniquins. Quem foi a favor dessa reforma e da trabalhista é cúmplice desse desaforo criminoso contra o cidadão comum desse país.

» **Rafael Moia Filho**,
Bauru (SP)

Congresso

E então: o Congresso Nacional retoma seus trabalhos: (a) em um grande ato pró-vacina, inclusive a infantil, contra a proliferação de armas e da violência dela decorrente e contra o extremismo; ou (b) no velho estilo Big Center, falando só em emendas, fundão e outras farofas?

» **Marcos Paulino**,
Águas Claras

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA Diretor Presidente		GUILHERME AUGUSTO MACHADO Vice-Presidente executivo	
Ana Dubeux Diretora de Redação	Paulo Cesar Marques Diretor de Comercialização e Marketing	Leonardo Guilherme Lourenço Moisés Diretor Financeiro	
Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes Editores executivos			
CORPORATIVO Josemar Gimenez Vice-presidente de Negócios Corporativos			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214-1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associadoss@uaigiga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalf@uaigiga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo – Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 – Barro Preto - CEP: 30.180-070 – Belo Horizonte/ MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiabrasilcomunicacao.com.br. Região Sul – HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 508 – Menino Deus - CEP: 90.160-240 – Porto Alegre/ RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hrmmultimidia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste – Goiânia: Exito Representações – Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C/2, Jardim Planalto – CEP: 74333-140, Goiânia-GO – Telefones: 62 3085-4770 e 62 96142-6119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D – 15º andar – Ed. Oscar Niemeyer – salas 1502/3 – CEP: 70.316-900 – Brasília/ DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte – Meio e Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K – Ed Embassy Tower, salas 701/2 – CEP: 73.340-000 – Brasília/ DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiais e fotograficos são fornecidos pela Reuters, AFR, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 3,00	R\$ 5,00

ASSINATURAS *
SEG a DOM
R\$ 755,87
360 EDIÇÕES
(promocional)

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

DIÁRIOS ASSOCIADOS

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1502/1508/0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: diapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

DA LOG
Agenciamento de Publicidade